

TIPOS ARQUITETÔNICOS E PAISAGEM EDIFICADA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

BITTENCOURT, LUCAS BOEIRA¹; JANTZEN, SYLVIO ARNOLDO DICK²; ÁVILA,
CRISTHIAN MOREIRA DE³.

¹ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas –
lucas.faurb@gmail.com

² Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas –
mundo.dick@gmail.com

³ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas –
cristhian_cma@hotmail.com

1. SOBRE O PROJETO

Este estudo trata de tipologias arquitetônicas, o conceito de tipo na teoria da arquitetura, e seu reflexo no estudo da paisagem cultural de cidades da fronteira sul do Brasil. O “reflexo” diz respeito à etapas do pensamento tipológico na arquitetura, a saber: identificação, análise, e classificação de tipologias arquitetônicas tradicionais (vernaculares e eruditas), e um desdobramento desta teoria em uma prática de projeto. A prática pode se dar através de intervenção direta no patrimônio construído, um restauro, por exemplo. Ou então a construção do ambiente urbano na contemporaneidade, seja em áreas de expansão ou em áreas vinculadas ao tecido tradicional construído da cidade.

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL tem uma longa tradição de pesquisa tipológica na arquitetura, através do NEAB, Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira. Desde 1999 vêm sendo realizados estudos tipológicos da arquitetura tradicional das cidades da região sul do Rio Grande do Sul. Até o ano de 2016 há um resultado de 12 cidades estudadas. Isso gerou um grande e importante acervo. Além disso, há o desenvolvimento das questões de classificação tipológica, através de uma metodologia específica para estas cidades.

Em 2016 a FAURB participa do projeto PROEXT *Preservação de patrimônio edificado na fronteira Brasil Uruguai*, um trabalho conjunto entre o NEAB e o LABURB, Laboratório de Urbanismo. A importância desta nova área de abrangência é fundamental. A inclusão da fronteira Brasil/Uruguai e seu caráter cultural evidencia a presença de tipos arquitetônicos próprios desta paisagem, e é, sobretudo, um avanço importante nos estudos de tipologias arquitetônicas no sul do Brasil. O projeto contemplará as cidades de Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY), Chuí (BR) e Chuy (UY).

2. A QUESTÃO TIPOLOGICA EM ARQUITETURA.

A questão tipológica faz parte do desenvolvimento da arquitetura através do tempo. Os tipos primitivos de construções humanas foram sendo adaptados e ajustados ao longo dos anos, decorrentes de diferentes configurações formais e

necessidades sociais. Tipologia é um dos conceitos estruturais da teoria da arquitetura. Resultou em diferentes investidas teóricas ao longo da história, e também em uma ampla aplicação prática no projeto de arquitetura.

O conceito de tipo, em si, vem da filosofia clássica. Para Platão tipo é uma forma de a mente organizar a si mesma e ao mundo. Uma ideia que tem características próprias. Assim, identificando-se características próprias se dá lugar a um tipo.

Em arquitetura o conceito de tipo já havia sido discutido pelos arquitetos do Renascimento nos séculos XV e XVI, porém de maneira ainda pouco consistente. Este conceito só veio a ser objetivamente definido por Quatremère de Quincy (1755-1849), teórico francês da arquitetura, durante o Iluminismo. Para ele a palavra tipo traria consigo a ideia de algo que sirva de regra a um modelo. Isso implica primeiramente em uma separação entre os conceitos de tipo e modelo. Um tipo não precisa ser igual ao outro, ao contrário do modelo, que é algo fixo, exato e que permite um processo de reprodução absoluto. O tipo em si é uma abstração formal. Um princípio ordenador da forma arquitetônica, presente ao longo do curso da história da arquitetura, desde suas formas primitivas até suas construções mais complexas. Diferenciar objetivamente tipo e modelo é fundamental para o entendimento acerca das questões tipológicas. (QUINCY, 1985).

Jean Nicolas Louis Durand (1760-1834), professor da Escola Nacional de Belas Artes francesa, sistematizou procedimentos de projeto baseados em classificações tipológicas. A tipologia assim seria um método explícito de projeto a partir de soluções previamente definidas em estruturas formais: tipos construtivos. Durand estabeleceu uma espécie de arquitetura por tabelas tipológicas, ou seja, combinações e variações de tipos.

O conceito de tipo se desdobra em uma relação dialética, do homem e da arquitetura, com seu passado. As formas arquitetônicas foram sendo reproduzidas e modificadas em função das necessidades e condicionantes da organização social da vida humana. O homem estabelece uma relação dialética com seu passado, interferindo em seus tipos, adaptando-os e modificando-os ao longo do tempo.

Mais recentemente, a teoria pós-moderna da arquitetura evidenciando a crise do Movimento Moderno resgatou o conceito de tipologia. A crítica tipológica ressurgiu assumindo um caráter necessário para o pensamento arquitetônico. A arquitetura do modernismo não deu o devido interesse às questões das tipologias no projeto de arquitetura. Nas cidades da América Latina, no Brasil, por exemplo, o que se vê atualmente é um panorama urbano confuso em termos tipológicos. Não se soube preservar os centros históricos, nem consolidar as proposições formais do Movimento Moderno em sua totalidade. O resultado é a confusão formal, e também tipológica, de nossas cidades.

Alguns arquitetos e teóricos da arquitetura, da geração chamada hoje de pós-moderna, deram segmento à investigação sobre a aplicabilidade deste conceito. Para o espanhol Rafael Moneo (1937-), tipo seria uma estrutura profunda da forma, que admitiria variações. Uma maneira de se pensar em grupos, basicamente. (MONEO, 1975).

Para Aldo Rossi (1931-1997) o estudo dos tipos em arquitetura deve estar alinhado ao estudo dos tipos urbanos que compõe a cidade. Tipologia se converte em processo de projeto que adota analogias formais, no caso com as formas tradicionais da estrutura da cidade. Analogia para Rossi é basicamente se pensar

em tipos do passado, porém em um processo que admite acordos e correções da forma, inventivamente, pelo arquiteto. Rossi foi um importante arquiteto italiano para sua geração, tendo desenvolvido na prática as assimilações do conceito de tipologia numa extensa “bagagem” de projeto. (ROSSI, 2010).

O tipo arquitetônico de uma igreja estabelece uma relação dialética com a arquitetura da própria igreja, sua forma, suas funções específicas, a tecnologia utilizada e por fim a coletividade que conforma as justificativas sociais desta igreja. O tipo em si é indissociável do aspecto social do projeto. Tipo então é composto de cinco elementos fundamentais: estrutura; tecnologia; entorno; função, e forma. A função é não apenas “programática”, mas também simbólica. E a forma, sobretudo, permeia todos estes aspectos. (ARÍS, 1993).

3. ARQUITETURA E PROCESSO COGNITIVO

Os tipos arquitetônicos resultam do esforço do homem em tornar inteligível a estrutura e organização do mundo, essencialmente o mundo das formas. (ARÍS, 1993). Assim se relaciona o conceito de tipologia às teorias sobre a forma e percepção, aproximando-se do campo da linguística.

Sobre a forma: é a maneira como aparece ao sujeito receptor o “mundo” dos objetos. Martínez estabelece para esse mecanismo de apreensão dois objetos paralelos: aparência e estrutura formal. A primeira está na apreensão do objeto, sua forma, e as coordenações da visão, que orientará os demais sentidos. A segunda nas relações de explicação e descrição do objeto, que seriam uma etapa posterior do processo. É a estrutura formal um objeto paralelo, uma abstração, produto da reflexão sobre aquilo que se está a contemplar. O primeiro conhecimento oriundo do objeto arquitetônico vem de sua percepção. É a primeira captação do significado do edifício. O segundo é a subjetividade que funciona como um filtro perceptivo do mundo que nos cerca, e admite níveis distintos entre cada indivíduo. O processo perceptivo é a interação entre sujeito e objeto. Sendo a percepção um processo constante de reinterpretação do mundo. (MARTÍNEZ, 1969).

4. RESULTADOS PRÉVIOS E CONCLUSÃO

A teoria tipológica admite momentos em seu processo. São etapas: identificar, analisar, classificar, processos diferentes e que exigem procedimentos e requisitos independentes. Operar projetualmente com tipos é uma etapa posterior a estas categorias, e fundamental. Esta pesquisa espera definir além de classificações tipológicas, alguns procedimentos que funcionem como práticas de projeto em cidades históricas.

A metodologia possivelmente detectará descaracterizações, bem como edificações íntegras e preservadas. O problema da descaracterização das cidades, portanto, permanecerá, transcendendo o plano técnico científico. Estudos de outro subprojeto do programa PROEXT, no âmbito das políticas patrimoniais demonstram esses aspectos.

Além dos tipos tradicionais há ainda a “questão” dos tipos não tradicionais, tipos construtivos próprias da contemporaneidade nas cidades, e que trazem o

seguinte questionamento no âmbito do estudo da paisagem da cidade: como classificar a arquitetura, e, principalmente, como classificar a arquitetura do nosso tempo? Além disso, como intervir em centros urbanos históricos, seja na escala do edifício como na escala da cidade? Não se pretende responder sumariamente a todas essas questões, muito menos solucionar o problema da preservação patrimonial em cidades de interesse histórico. Porém algumas soluções deverão ser apontadas, e o método tipológico servirá para elucidar essas questões.

O projeto PROEXT *Preservação do patrimônio edificado na fronteira Brasil Uruguai* está em desenvolvimento há dois meses e segue dentro do cronograma. Foram realizadas, até a data deste resumo, duas visitas exploratórias. A primeira realizada dia 21/06 às cidades de Jaguarão/Rio Branco; a segunda viagem aconteceu dia 04/08 às cidades de Chuy (BR e UY). Essas visitas de campo permitiram uma experimentação do ambiente arquitetônico dessas cidades. Foram realizados registros fotográficos, e anotações gráficas em cadernetas e blocos. Seguiram-se roteiros determinados por orientação prévia da equipe. Em campo houve uma apreensão subjetiva do ambiente da cidade. Os envolvidos no processo foram os alunos da graduação de arquitetura e urbanismo, bolsistas do projeto, além dos professores orientadores. Esta metodologia de apreensão da cidade funciona como um processo cognitivo. A fotografia e o desenho são as ferramentas para isso. Um filtro que demonstra fraquezas e forças, características específicas do ambiente urbano, a partir do movimento de cada envolvido no processo.

Como resultado há um arquivo de imagens que ilustram diferentes tipologias identificadas no diário de campo. A etapa de trabalho desenvolverá também o tratamento deste material, as demais etapas da pesquisa tipológica, e assim apontará para as conclusões. Espera-se elaborar ferramentas de classificação da arquitetura, principalmente. Além disso, enfrentar questões de políticas de preservação, de condições para elaboração de diretrizes e inclusão de aspectos da paisagem urbana em processos de planejamento municipal, bem como consequências em termos de fiscalização e demandas de ações específicas (restauros, por exemplo), ou outras intervenções vinculadas a critérios discutidos com a comunidade e seus representantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÍS, Carlos Martí. **Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura**. Barcelona, Ediciones del Serbal, 1993.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona. **Notas sobre el problema de la expresión en arquitectura**. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1969.

MONEO, Rafael. On typology. **Oppositions**. New York, v.13, p.22-44. 1978.

QUINCY, Quatremère de. **Dizionario storico di architettura**. Venezia, Marsilio Editori, 1985.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo Martins Fontes, 2010.